

O livro e a leitura para adolescentes do Rio de Janeiro e de Barcelona¹

Isabel Travancas²

ECO- Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro

Resumo

Este artigo apresenta uma pesquisa comparativa sobre a experiência da leitura entre jovens brasileiros e espanhóis no início do século XXI. Ela foi realizada com adolescentes de 13 a 17 anos, do Rio de Janeiro e de Barcelona em 2012 e 2013. Depois de uma breve discussão sobre a história do livro e o sentido da leitura são apresentadas as metodologias utilizadas no trabalho. Foram aplicados questionários em escolas públicas e privadas das duas cidades e realizadas entrevistas em grupo e individuais com cerca de 40 estudantes em cada localidade. O ponto central foi escutar os adolescentes e descobrir seus gostos, opiniões e críticas. Ficou claro que estes jovens leem sim, mas talvez não o que a sociedade, os pais ou a escola gostariam que lessem. Para muitos adolescentes a leitura é vista como uma obrigação escolar e não como uma atividade prazerosa.

Palavras-chave: livro; leitura; leitor; adolescente; Rio de Janeiro; Barcelona

Introdução

O livro foi durante séculos considerado um objeto nobre, sagrado. Ele tem um significado simbólico para as sociedades letradas. Para Jack Goody (1968, p. 166) a distinção entre sociedades letradas e iletradas não está na dicotomia que se baseia nas radicais diferenças de atributos mentais entre estas sociedades, mas no fato da escrita estabelecer um tipo diferente de relação entre a palavra e seu referente. Uma relação mais geral e mais abstrata, menos ligada às particularidades da pessoa, do lugar e do tempo, do que a obtida na comunicação oral. A relação com a palavra, com o texto, varia de sociedade para sociedade, o que reforça a ideia de arbitrariedade do sentido em relação ao signo.

E o livro tem uma história, como afirmava o historiador norte americano Robert Darnton (1990, p.171). Se, ao longo de sua história, ele se modificou muito até chegar à

¹ Trabalho apresentado no GP Produção Editorial do XV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professora adjunta da Escola de Comunicação da UFRJ, email: isabeltravancas@yahoo.com

brochura, tal como conhecemos hoje, esse processo não terminou. Novos suportes e novas tecnologias tem surgido nas últimas décadas possibilitando novas práticas de leitura.

Entretanto, o livro ocupa um lugar particular no contexto mais amplo da Indústria cultural nos termos de T. Adorno e M. Horkheimer (1990). Essa indústria “levou apenas à padronização e à produção em série, sacrificando o que fazia a diferença entre a lógica da obra e a do sistema social” (1990, p. 100). Para os autores, esse processo de uniformização afeta todos os elementos da produção desde a concepção do romance até sua divulgação. A lógica do mercado prevaleceu sobre a qualidade da obra de arte e o foco dessa indústria é a diversão e sua ideologia o negócio. Assim afirmam que “No próprio mercado, o tributo a uma qualidade sem utilidade e ainda sem curso converteu-se em poder de compra: é por essa razão que editores literários e musicais decentes puderam cultivar, por exemplo, autores que rendiam pouco mais do que o respeito do conhecedor. Só a obrigação de se inserir incessantemente, sob a mais drástica das ameaças, na vida dos negócios como um especialista estético, impôs um freio definitivo ao artista.”

O livro talvez tenha sido o “produto” que mais resistiu a essa lógica. Certamente os *best-sellers*, sejam eles romances de grande empatia ou livros de auto ajuda, tem um lugar de destaque nessa indústria. Vendem milhares ou mesmo milhões de exemplares pelo mundo, se transformam em outros produtos dessa mesma indústria como filmes mas essa mesma indústria editorial também dá espaço para pequenas editoras, livros mais artesanais e literatura sofisticada. Ainda que destinados a poucos leitores. E aqui parece fazer sentido a noção de distinção de Pierre Bourdieu e em como essa escolha pela “alta literatura” marca um lugar social, o pertencimento a uma classe. Para Bourdieu (2007, p. 460) “O senso de distinção, disposição adquirida, movida pela necessidade obscura do instinto, afirma-se não tanto nos manifestos e nas manifestações positivas da certeza de si, mas nas inumeráveis escolhas estilísticas ou temáticas que, tendo como princípio a preocupação de marcar a diferença, excluem todas as formas (consideradas em determinado momento como) inferiores da atividade intelectual (ou artística), objetos vulgares, referências indignas, modos de exposição marcados por uma didática simplesmente monótona, problemas “ingênuos” (...) ou triviais”.

Pode se afirmar que o livro não tem sido um objeto privilegiado de pesquisa no campo da antropologia, não sendo muitas vezes entendido como um produto da indústria cultural, mas visto como um tema relacionado aos estudos literários ou históricos. E se são poucos os estudos sobre ele (PETIT: 2008; DAUSTER: 2010 e 2012 e BOSI: 2009), mais

escassos ainda são os trabalhos sobre a recepção de livros. Se olharmos, por exemplo, para a produção de dissertações e teses na área de Antropologia no Brasil nos últimos anos, notamos o quanto o livro, o mercado editorial e o leitor não tem sido tema de pesquisa. Os antropólogos trabalham com livros, estudam com eles, muitos escrevem livros, mas poucos os elegem como objeto de pesquisa. Da mesma forma seus leitores raramente são foco de investigação, etnográfica ou não.

O livro, a leitura e a formação do leitor tem sido objeto do meu interesse de pesquisa nos últimos anos. Decidi investigar os adolescentes em duas cidades: Rio de Janeiro e Barcelona. Países distintos e sendo o Brasil um país de jovens e conhecido por não ser leitor. Busquei averiguar como se dá esse contato com o livro na adolescência, se esses adolescentes lêem, como lêem e quais são as suas interpretações do que lêem. Pensando um pouco nos termos de Martin-Barbero (2001) que fala em *modos de ver* para pensar a televisão, pretendo discutir os *modos de ler*.

O livro - eixo central deste artigo - coloca, a meu ver, muitas questões num momento de predominância de mídias digitais e audiovisuais. Ao mesmo tempo oferece uma gama ampla de estilos e gêneros, ainda que se saiba que o romance é o gênero privilegiado dos leitores e do mercado editorial, tanto brasileiro como internacional.

A leitura e o leitor

A leitura é mais do que um aprendizado mecânico de letras e palavras que permite decodificar os significados. Como afirma o historiador do livro e da leitura Roger Chartier (1998, p. 77) ela é “sempre apropriação, invenção e produção de significados.” Trata-se de uma produção social de sentido, como enfatizam outros historiadores e sociólogos. Sua vivência está fundamentalmente ancorada na cultura e é uma prática cultural e, como tal, varia de sociedade para sociedade, de grupo para grupo. E na escrita, quem tem papel fundamental é o leitor. Um texto só vai existir se houver um leitor que lhe dê significado. O texto e a sua significação não existem descolados do tempo e do espaço. Para Chartier (1994, p. 9)

“As obras – mesmo as maiores, ou, sobretudo, as maiores – não tem sentido estático, universal, fixo. Elas estão investidas de significações plurais e móveis, que se constroem no encontro de uma proposição com uma recepção. Os sentidos atribuídos às suas formas e aos seus motivos dependem das competências ou das expectativas dos diferentes públicos que delas se apropriam. Certamente, os criadores, os poderes ou os experts sempre querem fixar um sentido e enunciar a interpretação correta que deve impor limites à leitura (ou ao olhar). Todavia, a recepção também inventa, desloca e distorce.”

Chartier mostra o quanto esse processo de leitura se modificou ao longo dos séculos. Da passagem da leitura em voz alta para a leitura em silêncio. Da leitura que ele chama de intensiva para a extensiva. Intensiva entendida como leitura confrontada a poucos livros, baseada na escuta e na memória, sendo respeitosa e quase sacra. Já a leitura extensiva significaria o consumo de muitos textos, passando de um para outro com versatilidade e sem qualquer conotação de sacralidade. Outro tipo seria a chamada “leitura da intimidade”, da solidão, tida como uma das bases para a constituição de uma esfera privada, contrastando com as leituras públicas e coletivas.

Ao mesmo tempo é também Chartier (1998, p.78) quem afirma que a história das práticas de leitura, depois do século XVIII se modificou muito e se tornou o que ele denomina “história da liberdade de leitura”. A iconografia chama atenção para isso com as imagens do leitor no meio da natureza, do leitor que lê andando, que lê na cama quando, até então, a imagem presente era daquele indivíduo recolhido em seu espaço privado.

Hoje estamos habituados a uma leitura individual, silenciosa e extensiva. Lemos várias textos ao mesmo tempo e a linguagem virtual veio redimensionar esse aspecto com a idéia de hipertexto. E se a leitura no século XII e XIII era um gesto de escuta, hoje ela exige o sentido da visão para se realizar. Ainda que os audiobooks estejam reconfigurando esse cenário dos sentidos também.

Para o historiador da leitura Alberto Manguel (1997, p. 19), ler vem antes de escrever. “É o leitor que lê o sentido, é o leitor que confere a um objeto, lugar, acontecimento uma certa legibilidade possível. É o leitor que deve atribuir significado a um sistema de signos e depois decifrá-lo.” E por isso, a seu ver, ler não é um processo automático de captura de um texto mas “um processo desconcertante, labiríntico, comum e contudo pessoal”.

“A leitura não é simplesmente uma habilidade e sim uma maneira de fazer sentido, que deve variar de cultura para cultura” afirma o historiador norte americano Robert Darnton (1990, p.159). Para o estudioso as razões de ser da leitura foram as mais variadas e continuam sendo. A leitura serve “para salvar almas, para refinar maneiras, consertar máquinas, seduzir namoradas, informar-se ou simplesmente entreter”. (1990, p. 155). E conhecer e entender as práticas leitoras de uma sociedade ou de uma época pode ser uma importante forma de acesso à sua história e à sua cultura. Um pouco como “dizes o que lês e eu te direi quem és”. Darnton fez pesquisas minuciosas na França de antes da Revolução

Francesa tendo como fontes primárias catálogos de empréstimo de bibliotecas e listagens de livreiros.

O sociólogo francês Pierre Bourdieu (In: Chartier: 1993, p. 274) vê a leitura inserida em uma prática cultural. Para ele “a leitura obedece às mesmas leis das outras práticas culturais, com a diferença de que ela é mais fortemente ensinada pelo sistema escolar, isto é, o nível de instrução vai ser mais poderoso no sistema dos fatores explicativos, sendo o segundo fator a origem social”.

Segundo Bourdieu sempre se pensa que ler um texto significa compreendê-lo, descobrir sua chave. E, na verdade, nem todos os textos são escritos para serem compreendidos neste sentido. Deve-se refletir sobre para qual uso ele foi produzido. Se sua intenção era comunicar uma maneira de fazer ou de agir, por exemplo. Como se para a leitura de um texto fosse importante perguntar sobre o seu *mode d'emploi* (modo de usar). Martín Barbero (2001, p. 62) ao pensar a leitura como prática cultural na contemporaneidade afirma que:

estamos diante de uma mudança nos protocolos e processos de leitura, que não significa, nem pode significar a simples substituição de um modo de ler por outro, senão a articulação complexa de um e outro, da leitura de textos e da leitura de hipertextos, da dupla inserção de uns em outros, com tudo que isso implica de continuidade e rupturas, de reconfiguração da leitura como conjunto de modos muito diversos de navegar pelos textos.

A leitura no Brasil e na Espanha

As pesquisas sobre leitura nos dois países apontam diferenças muito grandes. A definição de leitor usada nas duas é a mesma: alguém que leu ao menos um livro inteiro nos últimos três meses. Na terceira edição da pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil* de 2012, a população com mais de cinco anos de idade está dividida em 50% de leitores e 50% de não leitores. A média de livros lidos por habitante por ano é de quatro. Na pesquisa *Hábitos de Lectura 2012* realizada na Espanha 92% de toda a população com mais de 14 anos são leitores. Há uma diferença de critério entre as duas no que tange ao universo da pesquisa. Uma leva em conta quem tem mais de cinco anos e a outra mais de 14 anos. A média de livros lidos por ano na Espanha é de 11,1.

Sabe-se que quanto maior a escolaridade, mais tempo é dedicado à leitura dos livros. No caso do Brasil ficou claro através da pesquisa que grande parte da população abandona o livro ao sair da escola. Ela não tem ajudado a criar leitores e nem tem propiciado um vínculo entre livro e leitor que independa da obrigatoriedade e do ensino. A leitura não se

tornou um hábito nem um prazer para uma grande parcela da população brasileira, segundo os dados deste levantamento. Sem dúvida, vários fatores contribuem para isso. O número de municípios sem biblioteca é um deles. Eram 1,3 mil em 2003.

Na Espanha a presença das bibliotecas está muito mais disseminada e são frequentadas por 30,% da população que lê principalmente em casa – 91,4%, seguida de no transporte 13%, 9,6% ao ar livre, 8,9% no trabalho, 5,6% em um café, 3,4% em uma biblioteca, 3,% na escola e 2,1% em outros lugares não especificados.

No Brasil apenas 7% da população usa com frequência uma biblioteca, 17% usa de vez em quando e 75% não usa. Dados que já demonstram a relação distante dos brasileiros com as bibliotecas. Em relação aos lugares onde costumam ler a casa aparece em primeiro lugar com 93%, seguida de em salas de aula com 33%, em bibliotecas com 12%, no trabalho 13%, no transporte 6%, na casa de amigos ou parentes 4%, em consultórios e salões de beleza 3%, em parques e praças 2% e outros 8%.

Um outro elemento presente na pesquisa nos dois países e que me parece relevante para pensar o lugar da leitura no imaginário da população e o significado simbólico do livro é a ideia do presente. No caso da população brasileira isso ocorreu com apenas 2%, com 11% alguma vez e 87% nunca recebeu um livro de presente. Ou seja, o livro não é visto como um objeto legítimo nem valorizado como um presente para ser oferecido no aniversário ou no Natal, por exemplo. Na pesquisa sobre leitura na Espanha não há uma pergunta específica sobre o livro como presente. A ideia de presente aparece apenas no item Razões de compra de um livro. 15% responderam à pergunta de porque compraram o último livro com: “para dar de presente”. 72,3% responderam para se divertir e entreter e 7,3% para estudo.

O fato de uma grande parcela da população, no caso do Brasil, nunca ter sido presenteada com livros na infância é revelador. Ou seja, o livro não é considerado um presente, algo que uma criança ganhe, mereça ou goste. É inevitável lembrar do texto clássico do pensador francês Marcel Mauss (1974) “Ensaio sobre a dádiva” onde ele analisa o significado de dar, receber e retribuir como elementos fundadores da vida social. A antropóloga Maria Claudia Coelho (2006) em um estudo sobre a dádiva na sociedade brasileira destaca o quanto os presentes são vistos como “meios de comunicação” e possibilitam dar visibilidade a estados afetivos. Também o quanto os afetos se expressam e são lidos por muitos grupos através do valor do presente e de significados como “é a sua

cara” e “é uma lembrancinha” que me fazem pensar na ausência do livro dentro da categoria presente.

A pesquisa e a metodologia

O lugar da pesquisa, tanto no Rio como em Barcelona foi a escola. Na cidade brasileira foram cinco escolas, três públicas e duas particulares, de regiões e bairros social e economicamente diversos. Na Catalunha foram quatro escolas, também de zonas com perfis bem distintos, mas todas elas públicas ou “concertadas”, termo usado para escolas mistas, não só públicas ou privadas. Diga-se de passagem que a grande maioria das escolas em Barcelona tem esse perfil.

Nas escolas, depois de um contato anterior, fui recebida com muito interesse e em todas pude aplicar os questionários entre os alunos com tranquilidade. No Rio de Janeiro foram aplicados 222 questionários. 51,6% de homens e 48,4% de mulheres. A média de idade foi de 13 anos, com jovens de 10 a 17 anos. 71,6% dos estudantes estão no ensino fundamental e o restante no ensino médio. (A ideia inicial era centrar em jovens de 13 a 17 anos e apenas do ensino médio. Entretanto, em algumas escolas esse universo foi ampliado em termos de faixa etária e nível de escolaridade). Sobre o que preferem ler o livro aparece com 41,4%, seguido de sites na internet com 32% e revistas com 16,7%. A principal indicação de livro é a internet com 56,3% seguida de um amigo com 46,8%. 73,9% afirmaram que a mãe é leitora e o pai 65,3%.

Em Barcelona foram aplicados 248 questionários. 55,3% são homens e 44,7% mulheres. A média de idade foi 14 anos com jovens de 10 a 19 anos. 78,9% afirmou que tem o hábito de ler e 21,1% não tem. O livro aparece entre o que mais gostam de ler para 29%, seguido de páginas da internet com 29% e revistas 23%. 34% escolhem um livro por indicação de um amigo e 20% por que viu na biblioteca. Para os jovens espanhóis 66,7% das mães são leitoras e 44,1% dos pais o são.

Os questionários, além fornecerem dados sobre o universo pesquisado, tiveram a função de ser o instrumento para a seleção dos jovens para as entrevistas, segunda fase da pesquisa. Buscava estudantes com vontade de falar. No Rio as entrevistas foram individuais, em Barcelona em grupo. Percebi que eles poderiam ficar mais à vontade e não darem respostas curtas ou monossilábicas. Se no início se mostravam tímidos, aos poucos ficavam mais relaxados. As conversas foram estimulantes, trocavam ideias entre si, um

ajudava o outro a lembrar de um livro e várias vezes discordavam. Tudo isso me permitiu conhecê-los um pouco melhor.

Nessa pesquisa a entrevista teve um papel fundamental. E neste tipo de entrevista, diferente da jornalística, o pesquisador não inquirir seu entrevistado, não julga seu discurso, suas atitudes, suas escolhas. Ele escuta. Ele não está em busca de uma resposta verdadeira, objetiva. O próprio fato de um entrevistado não querer responder a uma questão, por exemplo, pode dizer tanto dele e de sua visão de mundo, quanto uma resposta. Como salienta a antropóloga Michèle Petit (2008, p. 55) que ouviu jovens franceses sobre a leitura.

O essencial ao se fazer uma entrevista é ser o mais acolhedor possível. As digressões que nem sempre tem uma ligação aparente com o assunto, são, na realidade, associações livres que fazem sentido. E a partir do que diziam nossos interlocutores, do que parecia organizar sua forma de falar, improvisávamos perguntas em função de hipóteses que surgiam *in situ*, e nas quais entrava uma dose de intuição. E é preferível esquecer um tema listado no roteiro inicial a não escutar o imprevisto. Aliás, sempre deixo de lado esse roteiro no momento da entrevista. Senão, nada se aprende além do que já se sabia.

As entrevistas fazem parte de um conjunto de elementos que compõem uma etnografia. Ela inclui também a observação participante, a produção de um diário de campo e o diálogo com uma bibliografia sobre o tema. Entretanto, o fundamental é a ideia de que ela é mais do que uma descrição densa, é um esforço intelectual em direção ao outro. O antropólogo espanhol Ángel Díaz (In: Del Olmo, 2010, p. 60) afirma que “la etnografía es una experiencia de traducción entre el mundo social de las personas cuya acción estudiamos y el mundo social de la disciplina antropológica con sus procesos y estructuras de saber experto.” E a ideia de tradução perpassa este trabalho desde a questão linguística até às conclusões.

Adolescentes cariocas

Entrevistei 31 estudantes de 13 a 19 anos, todos eles brasileiros. A maioria das entrevistas foi feita nas escolas. Mas não foi fácil fazê-los falar. Foram poucos os que estabeleceram uma relação mais à vontade comigo. Muitas respostas eram: “não sei” ou “não lembro”. E sabemos que não saber significa algo, assim como não lembrar. Pode ser desinteresse, esquecimento ou mesmo não fazer parte dos seus pensamentos e por isso não ter muita importância. Quando dizem que não lembram o título do livro ou de seu autor,

não é apenas a memória que está em jogo. Mas isto expressa o quanto o título ou o autor não foi muito pronunciado.

N. tem 14 anos, mora com a avó e o que mais gosta de fazer em seu tempo livre é jogar e ler. Mas diz que não gosta de ler forçado, de ler por obrigação algum livro da escola. Prefere ler quando tem vontade. Esse aspecto da liberdade para escolher o que, quando e como ler aparece nos depoimentos de muitos adolescentes. Claro que a ideia de liberdade também está diretamente associada à juventude, ao desejo de romper com padrões e modelos e a imagem do adolescente está muito ligada à de alguém que não quer se submeter à ordem e à lei. Não é à toa que são vistos como rebeldes por não se conformarem com as regras impostas, em particular pelos pais e pela escola. Ler obrigado, mesmo para os que gostam de ler, é um problema.

N. compra livros com frequência, vai a livrarias com a avó e tem uma estante cheia deles no seu quarto. E ganha livros da família com frequência. Ou seja, se nota o quanto o livro tem um valor simbólico dentro do seu ambiente familiar. Ele é valorizado e reconhecido como presente. Este dado é interessante por se contrapor ao dado macro sobre a sociedade brasileira que apareceu na pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil*. De acordo com os questionários 85% dos não leitores nunca foram presenteados com livros na infância.

Percebi que frequentar a biblioteca não é um hábito para estes jovens. Um deles, aluno de uma escola particular, afirma: “Eu não vou à biblioteca. Eu normalmente pego livros de casa. Antes a gente era obrigada a pegar livro na biblioteca e eu não gostava muito. Por que não me interessava, mas eu tinha que pegar um livro.” Mesmo para leitores a biblioteca não é um lugar onde vão, não tem curiosidade de ver que livros chegaram, nem passar um tempo lá. Isso demonstra o quanto o espaço da biblioteca, mesmo em escolas particulares, não é visto como um lugar de lazer, um espaço prazeroso, onde acontecem atividades interessantes. A exceção é L., de 13 anos que conta que, no ano anterior, foi muito à biblioteca porque a professora fazia um trabalho lá. “A cada 15 dias você tinha que pegar um livro, ler e fazer um trabalho sobre ele”, lembra ela.

Como N., I. de 12 anos, não costuma ir à biblioteca. Diz que não gosta de pegar livro lá por que prefere ter o livro e cuidar dele, diferentemente de outros colegas que estragam os livros. E além de ganhar livros, cresceu em uma família leitora. Fala com certo orgulho que seu pai lê muito, todos os dias, muitos livros em inglês, de “estudo”, que enchem a casa. Já sua mãe não lê tanto quanto o pai.

Um dos títulos muitas vezes citado é *Querido Diário Otário*³. I. já leu vários da coleção que é um sucesso. É um *best-seller* internacional e vendeu milhares de exemplares em vários países. Os livros para o público adolescente fazem parte de um segmento que tem crescido muito e não apenas no Brasil. A série *Harry Potter* de J. K Rowling e mais recentemente os livros sobre vampiros como *Crepúsculo* foram um estrondoso sucesso para além dos próprios livros com filmes, DVDs, produtos diversos e, no caso do *Harry Potter*, até um Parque Temático. Mas I. , diferentemente de outros estudantes da sua idade, não faz parte do universo de fãs. “Eu nunca gostei muito de *Harry Potter e Crepúsculo*. E esse ano o novo *Jogos Vorazes* também não gostei. *Nárnia* foi assim, por acaso. Eu gostava mais de princesas...”

A leitura para I. e para vários outros adolescentes está estreitamente ligada ao universo doméstico, da intimidade da casa, mais especialmente do quarto. A maioria gosta de ler deitada na cama, antes de dormir. A necessidade de silêncio para leitura é um outro aspecto interessante e nos permite pensar nas particularidades da leitura no Brasil. Em países onde a leitura está amplamente disseminada como a França e a Argentina, por exemplo, a leitura nos meios de transporte é muito mais intensa do que no Brasil. A familiaridade com o livro, seja como objeto, seja como suporte para a leitura, não exige sempre um lugar especial para se realizar.

Ao mesmo tempo para muitos esta hábito de leitura noturna e na cama, remete a uma prática desenvolvida por vários pais de contar histórias ou ler livros para seus filhos antes de dormir. É o caso de P. de 13 anos que lembra de quando era pequena: “Eu lia muitos livros e meus pais liam bastante para mim. Quando ia dormir sempre contavam alguma história para mim.”

G. de 14 anos tem pais não leitores e poucos livros em casa. Ele afirma que não gosta de ler por que acha chato. “Eu começo a ler depois me distraio e desisto.” A leitura não faz parte da rotina familiar e o bairro onde vive também não facilita o acesso aos livros. Não há bibliotecas e a livraria mais próxima fica em um shopping distante. Para J. de 15 anos o que foi fundamental para estimulá-la a ler foi a participação em um grupo de sua igreja – evangélica – no qual discutem textos religiosos. Ela diz: “Agora leio muito mais e gosto de ler textos antigos”.

³ Trata-se de uma série de livros infanto-juvenis do escritor e ilustrador norte americano [Jim Benton](#), publicada pela editora [Scholastic](#). No Brasil a série começou a ser publicada pela Editora Fundamento em 2007 e já tem 10 volumes.

Adolescentes barceloneses

Foram realizadas 12 entrevistas em grupo, com de três a cinco adolescentes por vez, das quatro escolas, totalizando 48 estudantes. Posteriormente entrevistei individualmente quatro destes jovens. Este grupo tem de 13 a 18 anos, com jovens da Espanha e de 14 outras nacionalidades (Bangladesh, Polônia, Equador, Argentina, Índia, Uruguai, Filipinas, Honduras, Bolívia, República Dominicana, Colômbia, Marrocos, Brasil, Chile).

A leitura para os adolescentes em Barcelona também está ligada ao universo doméstico, à intimidade da casa, especialmente do quarto. A maioria gosta de ler deitada na cama, antes de dormir. Como conta N. 13 anos, catalã: “Por la semana leo en la cama a la hora de dormir”. Aparece a ideia de um tempo e um espaço próprios para mergulhar em outro mundo, se afastar do cotidiano e dos estudos. Outros, ao contrário, preferem ler em algum meio de transporte como comenta A. 14 anos, catalã: “Siempre llevo un libro cuando cojo el metro, sino me aburro”.

O caso de J. 13 anos, catalão é interessante para relativizar o papel dos pais. Seus pais são leitores, têm muitos livros em casa mas isso não fez dele um leitor. Não gosta de ler. Quando era pequeno sua mãe contava histórias para ele mas hoje acha que os livros são cada vez maiores e mais chatos. E descreve assim seu pai: “Mi padre tiene eso de leer como una enfermedad, está todo el tiempo con un libro y me obliga a leer pero yo paso de todo.”

Em geral há muitas mães leitoras, segundo os depoimentos. Sejam leitoras de romances ou revistas. F. de 15 anos é de Bangladesh e conta que seus pais gostam de ler, sendo que sua mãe prefere ler livros de Bangladesh porque não entende muito castelhano, nem catalão e sai pouco de casa. Os pais nem sempre são mencionados, alguns não sabiam dizer se eram leitores ou não e outros destacaram os jornais esportivos como sua leitura predileta. O que fica evidente na fala destes jovens é que, sejam profissionais liberais, funcionários ou estejam desempregados, os pais valorizam o estudo e acreditam que para que seus filhos sejam “alguém” na vida precisam ler.

Para meus entrevistados frequentar a biblioteca pública é algo que faz ou fez parte de seu cotidiano. Todos tem cartão da biblioteca, conhecem a do seu bairro e frequentam-na por motivos diversos: fazer os deveres, encontrar amigos ou pegar um livro. M., 16 anos, espanhola, diz : “Voy a biblioteca hacer deberes porque en mi casa no me concentro una vez que hay demasiado ruido y también la tele y el ordenador me entretienen”. Aqui além da referência à biblioteca como um espaço utilizado não somente para pegar livros, aparece a questão da concentração presente em muitos depoimentos. A dificuldade de concentração,

de “entrar” em um livro, de prestar atenção na aula. Algo que une jovens do Rio de Janeiro e de Barcelona e talvez de outras cidades. E tem relação com essa faixa etária como fase de transição, com alterações hormonais e de humor, assim como uma relação intensa com os meios de comunicação e a necessidade de estar sempre conectado.

Conclusão

Sabemos que a leitura é uma prática cultural socialmente construída. É sempre apropriação, invenção, produção de significados. E a liberdade do leitor nunca é absoluta. Ao longo dos séculos houve uma transformação dos suportes e conseqüentemente uma transformação da leitura. Passamos do livro em rolo para o de bolso e mais recentemente para as plataformas digitais. Neste artigo buscamos abordar o livro e a leitura como ponto de partida e fonte de reflexão para pensar um grupo específico de leitores: adolescentes de Barcelona e do Rio de Janeiro.

Ainda são escassos os trabalhos sobre leitura no Brasil, e mais ainda os com uma perspectiva antropológica, fruto de etnografias ou estudos de recepção com o foco no receptor. Alguns aspectos, a meu ver, ficaram evidentes na observação e escuta desses adolescentes. Eles lêem sim, ainda que não como gostariam seus pais, seus professores e a sociedade. Lêem de distintas maneiras e distintos textos. Seu leque de leituras é vasto e misturam de histórias em quadrinhos a livros escolares, passando por blogs, best sellers e clássicos. De maneira geral, percebi que o livro faz parte de suas vidas.

Em Barcelona as bibliotecas públicas dos bairros têm um papel fundamental. São um espaço de estudo, de socialização e de contato livre e voluntário com o livro, como demonstraram as falas dos jovens. Mais do que as bibliotecas das próprias escolas, as públicas são frequentadas por jovens, como pude perceber nas diversas visitas que fiz a diferentes bibliotecas. No Rio de Janeiro, ainda há poucas bibliotecas públicas – o projeto das Bibliotecas Parque é exceção - e muitas escolas não tem bibliotecas e quando tem o seu funcionamento é restrito. Ou seja, a relação dos adolescentes cariocas com as bibliotecas é escassa ou nenhuma. O que significa que este universo específico da leitura não faz parte de suas vidas.

Os pais e a família são muito importantes na construção de jovens leitores, mas não são determinantes. Certamente os adolescentes mais leitores cresceram em um ambiente de estímulo à leitura, com mães contando histórias antes de dormir quando eram crianças, com pais lendo livros, frequentando bibliotecas e livrarias, compartilhando leituras e valorizando

o livro. Mas tudo isso não é garantia de filhos leitores como vários depoimentos demonstraram. E o contrário também apareceu nas falas. Pais menos leitores, com bagagem cultural mais restrita, com pouca intimidade com os livros, mas que de alguma forma valorizaram a escola e em especial o estudo também ajudaram a criar leitores.

O papel das escolas no processo de formação de leitores é fundamental e bastante complexo. É evidente que um ambiente propício à leitura com discussão em sala, produção de textos literários pelos alunos, participação em festas literárias facilita a “produção” de adolescentes leitores. Neste aspecto a escola tem um desafio pela frente de fazer com que a obrigação de ler não afaste os estudantes do livro, não os impeça de adquirir o hábito da leitura nem de se tornar leitores por prazer.

Uma alternativa, por exemplo, poderia ser que um dos livros de leitura obrigatória durante o ano letivo fosse escolhido pelos alunos, a partir de uma discussão em sala, de um debate aprofundado com direito a defesa de autores e títulos em alguma espécie de votação e com os alunos se sentindo participantes desse processo.

Teresa Colomer (2009, p. 54) é bastante crítica em relação à atitude das escolas em geral. Para a estudiosa de literatura infantil o efeito da escola tem sido de formar e de dissuadir, já que o caminho que a escola percorre com os alunos não conduz a ler de forma permanente, muitas vezes leva a uma diminuição da leitura. Ela cria uma rejeição e em determinados momentos a pressão escolar impede que os jovens façam uma leitura mais pessoal. Quando ela pode e deveria ser capaz de criar um espaço literário que permita a concepção de um leitor.

O que percebi na pesquisa nas duas cidades foi que é fundamental se abrir espaço para expressão destes adolescentes. Muitos queriam ser entrevistados, falar, contar suas histórias, suas vidas, suas leituras e suas dificuldades com elas. Não resta dúvida de que a leitura é um valor para todos eles, mesmo para os não leitores. Ninguém nega sua importância e muitos afirmam que ler é condição de sucesso na vida. Por outro lado, a leitura no ambiente escolar continua sendo vista como uma obrigação. Penso que encontrar um ponto de confluência entre dever e prazer é fundamental para a construção de uma juventude leitora.

Referências bibliográficas

ADORNO, Theodor, HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**. RJ: Ed. Zahar, 1990.

- BOSI, Ecléa. **Cultura de massa e cultura popular**. Petrópolis: Ed. Vozes, 2009.
- BOURDIEU, P. **A distinção**. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Ed. Zouk, 2007.
- BOURDIEU, P. In: CHARTIER, R. **Pratiques de la lecture**. Paris: Ed. Payot & Rivagesn, 1993.
- CHARTIER, R. **A aventura do livro – do leitor ao navegador**. SP: Ed.UNESP, 1998.
- _____. **A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII**. Brasília: Ed. UNB, 1994.
- COELHO, Maria Claudia. **O valor das intenções**. RJ: Ed. FGV, 2006.
- COLOMER, Teresa(coord.). **Lecturas adolescentes**. Barcelona: Editorial Graó, 2008.
- DARNTON, Robert. **O beijo de Lamourette**. SP: Ed. Cia das Letras, 1990.
- DAUSTER, Tania & FERREIRA, Lucelena (orgs.) **Por que ler?** Perspectivas culturais do ensino da leitura. Rio de Janeiro, Ed. Lamparina, 2010
- DAUSTER, Tania, TOSTA, Sandra Pereira & ROCHA, Gilmar (orgs.) **Etnografia da educação**. Rio de Janeiro: Ed. Lamparina, 2012.
- DIAZ, A. In: DEL OLMO, Margarita (org.). **Dilemas éticos en antropología**. Las entretelas del trabajo de campo etnográfico. Madrid: Editorial Trotta, 2010.
- GOODY, J. **Literacy in Traditional Societies**. Cambridge: Cambridge University Press, 1968.
- MANGUEL, A. **Uma história da leitura**. São Paulo, Ed. Cia das Letras, 1997.
- MAUSS, Marcel. “Ensaio sobre a dádiva”. In: **Sociologia e antropologia**. SP: Ed. Perspectiva, 1974.
- MARTIN-BARBERO, J. **Dos meios às mediações**. RJ: EdUFRJ, 2001.
- PETIT, Michèle. **Os jovens e a leitura**. São Paulo: Ed 34, 2008.
- Retratos da Leitura 2012. In: <http://pt.slideshare.net/JCOnLine/retratos-da-leitura-no-brasil-2012>
Acessado em 25 de abril de 2015.
- Habitos de lectura 2012. In: http://www.mcu.es/libro/docs/MC/Observatorio/pdf/Habitos_lectura_2012.pdf Acessado em 25 de abril de 2015